

Reterritorializando modos de ver e sentir

Zilá Mesquita *

Embora as transformações econômicas da globalização ocupem a berlinda, sabe-se que outros aspectos da vida em sociedade no planeta estão redefinindo nossas vidas em aspectos fundamentais. Os sentidos como o olhar e o ouvir mal apreendem um enxame de informações que os meios de comunicação globalizados despejam diariamente sobre nós, e, antes que as reelaborem reflexivamente, nova onda de informações nos chegam para serem digeridas. Diversas são as conseqüências destas mutações.

Há quem afirme que a própria identidade do indivíduo contemporâneo esteja em subversão e até mesmo a constituição de nossa própria identidade vinculada a um território específico, seja ele nacional ou regional parece ser questionada. O que importa aqui é considerar que elas afetam, ainda que de modo desigual, os hábitos, costumes e maneiras de nos relacionarmos em sociedade, enfim todo o conjunto de práticas que se abriga sobre o conceito de cultura, e cujo móvel são os diversificados modos de perceber o mundo e de sentir nas sociedades humanas. A racionalidade, um dos pilares do mundo ocidental, que sempre prevaleceu no meio científico, hoje cede algum espaço para que se inquiria sobre as emoções que mobilizam as práticas sociais.

O objetivo deste trabalho é oferecer alguns elementos que auxiliem a refletir sobre a reestruturação sócio-cultural do território sob o impulso de algumas práticas de animação cultural. Esta contribuição se faz a partir de um foco de análise: a reterritorialização da identidade social numa área de imigração italiana do Rio Grande do Sul, estado do extremo sul do Brasil. Procura-se também apresentar uma discussão em torno dos conceitos de territorialidade, identidade, territorialização-desterritorialização-reterritorialização, assim como esboçar o significado de práticas culturais e como podem vir a contribuir para a constituição ou reconstituição de uma cultura de solidariedade.

Território: um conceito elástico

A abordagem do conceito de território em Geografia Política esteve por longo tempo vinculada à emergência e constituição dos estados nacionais. Frequentemente, como em Ratzel, o território é considerado juntamente com a população, como elemento constituinte fundamental do Estado. E nesse sentido o território não só assumiu a escala de abrangência das fronteiras nacionais como fator delimitante do poder e da soberania do estado-nação face às demais nações soberanas, mas foi ainda frequentemente tomado por Ratzel, como sinônimo de solo enquanto recurso necessário à sobrevivência da população.

* Professora Adjunta - Programa de Pós-Graduação em Administração PPGA- Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS- Porto Alegre, Brasil.

Esta acepção dominante contudo, hoje vem se alterando. Nos últimos anos, com uma certa assiduidade pode-se encontrar na literatura acadêmica latino-americana, e mais especificamente na brasileira, artigos ou capítulos de livros com referências explícitas a território ou territorialidade. O curioso é que em grande parte, estes trabalhos utilizam o termo com acepções as mais diversas, e às vezes até controversas, sem desenvolver-las ou indicar as fontes em que buscaram sua conceituação. Entretanto não me deterei neste aspecto, pois não é o objetivo aqui fazer um trabalho de revisão de literatura.¹

Além disso, cabe acrescentar ainda que o território tem sido considerado em outras escalas espaciais que não apenas a do estado-nação por algumas razões empíricas. Por que isso? Em parte por haver a necessidade de lançar mais luz para a compreensão de fatos que com alguma assiduidade freqüentam o noticiário da mídia, tais como barreiras a migrantes desempregados nos territórios urbanos; separatismos, lutas ou reivindicações pela criação de novas unidades geo-administrativas, seja à escala local (municípios), à escala nacional (estados ou províncias) ou à escala internacional, novos países seja por motivações étnicas, religiosas ou de segmentos dominantes desejosos de se tornar governantes (Mesquita, 1992). Diga-se de passagem que isto vem acontecendo tanto na América Latina como em outros continentes.

Esta diversidade de aspectos tem contribuído para a emergência de vários olhares sobre este conceito central em Geografia Política: - o território (Mesquita e Brandão, 1995). E mais: poder-se-ia sublinhar que nos exemplos que a realidade nos apresenta, ele, o território, tem sido associado com freqüência à questão identitária de segmentos sociais ou étnicos.

Porém para subsidiar esta compreensão, é interessante partir de algumas questões de fundo: - qual é, se é que há, o embasamento teórico e metodológico que tem sustentado os estudos de território e identidade? Haverá contrapontos ou divergências no exame deste construto dialógico: - território-identidade? E enfim, de que forma o mesmo poderia transpor as portas da academia e por-se a serviço não só de uma interpretação da realidade, mas também de oferecer subsídios ou mesmo comprometer-se, (por que não?) com práticas incentivadoras de mudança social no sentido de uma nova cultura de solidariedade?

Território, identidade e espaços imaginários

Numa tentativa de resposta à primeira questão, ou seja sobre o embasamento que em geografia tem apoiado estas análises, poder-se-ia eleger, entre outras, duas vertentes nutridoras: a Geografia das Representações e a Geografia Humanista. Ambas tem como sustentação filosófica a Fenomenologia. É a partir da noção de mundo vivido da fenomenologia de Husserl, que a Geografia das Representações vai buscar a noção de espaço vivido. Ela se refere também a espaços percebidos. Mas "*a representação do espaço pode ir além da percepção do ambiente real referindo-se a espaços percebidos atualmente ou a espaços imaginários. O estudo do papel das representações sobre os comportamentos dos homens não é novo, pois desde o início do século XX são publicadas séries de trabalhos sobre a orientação humana, o deslocamento dos nômades ou dos marinheiros e sobre as pertencas regionais ou nacionais; estas são as representações coletivas do espaço - correspondam elas ou não à realidade física - que dão seu sentido aos lugares e que explicam os vínculos territoriais.*"(Bailly,1984:133).

Quanto à segunda vertente capaz de nutrir os estudos de território e identidade, - a geografia humanista - é o geógrafo inglês D. C. Pockock quem esclarece sobre ela: "*O enfoque humanista não se contenta em estudar o homem que raciocina, mas também*

este que experimenta sentimentos, que reflete, que cria...²*Toda divisão rígida entre o mundo objetivo, exterior e o mundo subjetivo, interior, é rejeitada já que o mundo encontra sua coerência nos conceitos organizadores e que ele constitui uma extensão de nossa consciência; estando o sujeito implicado no processo de conhecimento, não pode haver separação entre fatos e valores*³. *Descrever e compreender, insistindo sobre a empatia com os homens, tais são os objetivos principais da geografia humanista.* (Pocock, 1984:139).

Quanto a questões de método, como elas são fundamentais para a compreensão de identidade e território, vale transcrever ainda as suas palavras: *"A reflexão, a observação, a experiência constituem os métodos de base da geografia humanista; observação livre ou estudos nos quais a geografia faz parte integrante do meio estudado, enquanto membro duma comunidade, visitante, amigo ou residente, por exemplo.(...) É a partir destas descrições qualitativas detalhadas ou de descrições de grupo que são iluminadas as experiências do ambiente. A literatura e as artes são igualmente úteis ao geógrafo humanista como fontes de informação e para melhor captar o desenvolvimento ou o aparecimento de nossa sensibilidade em relação ao meio; em outras palavras, elas nos auxiliam a colocar ou a confirmar nossas hipóteses de pesquisa.*(op. cit.:140). É dele ainda a afirmativa de que o sentido de um lugar é essencial na identificação humana. Ora, quando aludimos a significados, estamos nos referindo aos recursos simbólicos que pertencem a uma dada sociedade: a mitologia, o seu passado histórico (Bortoli, 1985:216). Estes, todavia, só se atualizam ao interagir com tudo o que concerne à existência dos indivíduos dessa sociedade. Caso contrário, não passam de letra morta nas interações sociais.

Sucintamente indicadas duas fontes teóricas que a meu ver podem sustentar os estudos sobre território e identidade, partamos para a discussão de alguns conceitos e algumas posições a este respeito.

Problematizando a questão

Ainda no século passado, Foustel de Colanges afirmava que *"os homens sentem em seu coração que eles são um mesmo povo quando eles tem uma comunidade de idéias, de interesses, de afeições, de lembranças ou de esperanças"*. Primeiro observe-se que a referência não é à razão, mas ao *sentimento*. Segundo, percebe-se que a coesão social é vinculada ao reconhecimento de semelhanças. Este parece ser o fulcro das identidades territoriais coletivas amalgamadas nas culturas locais. Entretanto, alguns autores como Claude Raffestin e Felix Guattari, provindos de campos do saber tão diversos como a geografia e a psicanálise respectivamente, ao mesmo tempo que refletem sobre os conceitos de territorialização- desterritorialização e reterritorialização, veem com reservas a identidade cultural, uma vez que, segundo eles, ela traria em seu bojo um aspecto conservador ou reacionário.

Para Guattari a noção de território abarca um sentido muito amplo, além dos usos da etologia e da etnologia. "Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual o sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de

desterritorialização⁴, no sentido de que seus territórios "originais" se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante." (Guattari, 1986:323)

Já Raffestin (1986) discute estes conceitos inclusos no que denomina de "ecogênese territorial" - entendida como um processo de tradução e transformação das formas espaciais a partir de uma esfera semiotizada (semioesfera), ou seja: um processo de semiotização do espaço, causado pela rapidez da informação que responde pelo desaparecimento de centro e periferia uma vez que ela hoje homogeneiza o envólucro espaço-temporal.

Ele considera que no passado, na ecogênese territorial dos países ditos desenvolvidos, os territórios materiais concretos eram amplamente "regionalizados" ou seja, a regulação intra-societária ainda fazia sentido. Nessas condições a territorialidade era ainda marcada, pelo menos em parte, por relações que faziam dos lugares fontes de identidade. Em suas palavras: "Havia uma coerência entre território e territorialidade porque havia uma coerência entre a ação de uma sociedade e a semioesfera a qual ela se referia. Esta relativa unidade se estilhaçou e o processo de **territorialização-desterritorialização-reterritorialização** (que chamaremos doravante T-D-R) não é mais regulado do interior, mas do exterior. A territorialidade é menos "especializada" que "temporalizada" porque ela é comandada pela modernidade em que 'a moda é o emblema'. Ora, a modernidade se elabora somente em alguns lugares que dispõem dos meios de uma difusão ultra-rápida. O território concreto tornou-se menos significativo que o território informacional em matéria de territorialidade".(Raffestin, 1986:183).

Raffestin cautelosamente remete esta interpretação aos países europeus. Mas é inegável que este processo sucede também em países como os nossos e talvez com o agravante de que na América Latina, sofremos os efeitos desta aceleração duplamente, porque não tivemos um tempo de maturação tão longo como o teve a Europa, numa época em que ela era "o centro" e nós, a periferia receptora das inovações lá geradas pela divisão internacional do trabalho da época.

Porém o que quero trazer à discussão são suas críticas à territorialidade entendida como identidade. Para tanto, vejamos o que diz:- "A territorialidade 'regionalizada' era constituída essencialmente através do trabalho, do habitat *lato sensu* e das cristalizações tradicionais. Isto não implicava fixismo, ainda que não se deva esquecer que o que se convencionou chamar hoje de regionalismo era, há um século, o apanágio dos movimentos conservadores de direita. Hoje, os particularismos regionalistas se estendem à esquerda, como um retorno às origens, uma 'ressurreição' de certos valores. Nesta última perspectiva a territorialidade é seguidamente entendida como identidade. Trata-se da busca de uma 'identidade cultural' que, aliás, na maior parte dos casos, se engana nos termos, porque não se trata de um retorno impossível a uma cultura local, mas antes de uma reinterpretação ou de uma projeção de uma tradição numa cultura artificial. Para Bernard Pôche, a 'localidade' é um puro fenômeno de representação, um processo mental pelo qual os grupos humanos pensam sua relação com a materialidade.(...) O processo T-D-R seguiu numa certa medida o ciclo do produto, caracterizado pela inovação, o desenvolvimento e a maturidade. Embora antes o ciclo do produto pudesse se estender por dez, quinze, vinte anos ou mesmo mais, hoje ele pode tomar não mais que cinco anos. Ora, o processo T-D-R, como o ciclo do produto é, o mais frequente, função da informação técnico-econômica. A informação faz o território como ela faz o produto. A territorialidade é então uma função da informação

(o signo) e do tempo (o ritmo). Neste tipo de territorialidade, não se pode mais falar de espaço vivido, de identidade regional ou de cultura local. No mais se pode falar de informação consumida, de identidade condicionada e de modelos culturais dominantes."(Raffestin, idem:184) Ele conclui afirmando que entramos numa territorialidade 'temporalizada' e que se busca fundamentos mais estáveis a uma impossível definição de identidade e de pertença.

Esta longa citação oferece elementos para algumas observações. Primeiro, de que o processo TDR, em si, não é analisado pelo autor. Se não, vejamos. Neste contexto de território semiotizado e de territorialidade temporalizada até é possível compreender a Desterritorialização, mas no que consistiria a Reterritorialização? E ainda: se a informação faz o território, *como* ela o faz? Estaria a homogeneização da informação nos territórios, apagando totalmente as identidades coletivas locais e apassivando-as diante desse processo? E a que tenderia esta identidade condicionada? Por outro lado apresenta-se como um raciocínio tautológico, ele mesmo homogeneizando as análises ou quem sabe, condenando aos desaparecimento as diferenciações...

É certo que o conceito de identidade vem carregado de ambigüidades. Expressando a singularidade, de fato, ela apresenta alguns problemas quando se define por um pertencimento (pertença) **coletivo**. Trata-se de palavra de duplo sentido, (Brunet; Ferras e Théry, 1992). A identidade define simultaneamente o caráter do que é semelhante e do que é distinto (diferente), dada sua raiz latina **idem** designando 'o mesmo' conforme **it**, ele: simultaneamente 'ele mesmo' e 'dois objetos semelhantes', implicando a idéias de **singularidade** (eu sou o que sou, e não um outro), a raiz se encontra em idiografia ou idiota, e a idéia de **similaridade**: estes dois objetos tem a mesma forma. Como constructo, supõe-se que a identidade decorra "de uma herança histórica, de uma **prática territorial** bem assinalada, duma simples denominação por hábito. Isto traz muitos níveis de seriedade ou de futilidade. Porque é verdade que certas **práticas** sociais locais, certas **culturas** locais contribuem para a formação da personalidade, ao menos dentro de algumas categorias sociais. Elas podem ser associadas a formas sociais historicamente constituídas e mesmo a estilos de relações entre essas formas e um meio físico particular. Essa identidade pode se reforçar no perímetro geográfico que se partilha ou que ela se reconhece, por produções diversas de origem literária ou de inspiração artística, comportamentos e práticas podendo se apoiar sobre um esporte, uma língua, tradições, tanto como marcas diversas e identificantes, de referentes de identidade mais que de indicadores quantificáveis os quais usa habitualmente o geógrafo".(Brunet; Ferras e Théry, 1992:244-45)

Considerando as ambigüidades do conceito de identidade e as controvérsias relativas à territorialidade, alguém poderia se perguntar sobre a validade de trabalhar conceitos tão questionáveis. Parto do presuposto que, embora a América Latina também esteja submetida a estes processos, atribuir um mero caráter conservador à identidade cultural, ou de reduzir a territorialidade a um nostálgico desejo de retorno ao passado, é ignorar um leque de possibilidades criativas para fazer face às desigualdades socio-econômicas que nos assolam, aguardando uma mudança social. Por sinal, outro geógrafo latinoamericano, R. Cara, analisando questões de territorialidade no sul da província de Buenos Aires, chegou também a esta constatação quando afirma, referindo-se àquela realidade territorial: "Observa-se claramente que a identidade não é procurada como uma forma de retornar a valores passados e é vista mais como uma construção, uma reinterpretação dos símbolos culturais".(Cara, 1994:267)

Aliás, a "leitura" e interpretação do território tem um papel importante na compreensão da mudança social, como veremos mais adiante, na área sob exame no

presente trabalho. Barel, a meu ver, retira qualquer simplificação reducionista ou maniqueísta sobre territorialidade e mudança social ao enfatizar que "...se encontra uma dimensão paradoxal muito ocultada da mudança social ou de algumas de suas formas. Esta dimensão consiste em que a mudança social se apresenta simultaneamente como uma continuidade e como uma ruptura, uma revolução. Há estratégias de atores sociais que são simultaneamente de conservação de um sistema e estratégias de ruptura.(...) de maneira mais geral, seria interessante de se representar a mudança social (e seu contrário, o bloqueio) sob a forma de uma **dinâmica territorial**, porque a mudança social é em parte isso: a vida e a morte dos territórios. Estes territórios tem uma história. A mudança social é aqui vista como um movimento de territorialização-desterritorialização-reterritorialização.(...) De uma certa maneira, pode-se representar a modernidade como a lenta ascensão de códigos desterritorializantes que engendram seu contrário, isto é, a necessidade de novos territórios".(Barel, 1986:133). Assim, a territorialidade temporalizada e semiotizada a que se refere Raffestin, não parece autorizar que se conclua, que, na dinâmica territorial, não haja brechas de autonomia, na tentativa de implantar práticas territoriais inovadoras, mesmo que pouco frequentes e difíceis.

Minha tese é que práticas sociais transformadoras, quando há um projeto a fomentar o coletivo através de intercâmbio de sensibilidades e de experimentações, podem redefinir territórios contribuindo para reterritorializá-los. É o que tentarei demonstrar a partir de observações sobre um território específico, utilizando como pano de fundo um referencial teórico desenvolvido anteriormente.(Mesquita, 1992).

Neste referencial a territorialidade se apresenta como projeção de nossa identidade sobre o território. Ela se expressa por antenas e redes que mantemos com o mundo, mas é, no âmago, o resultado das **raízes** que trazemos conosco. As raízes são usualmente percebidas como o apego à tradição, aos costumes de um povo ou de uma dada sociedade. A meu juízo elas não são somente isto. Ou melhor: é assim que estes elementos se manifestam; esta é a sua expressão, porém isso não é tudo. As raízes em essência, são as pulsões, os 'drives' internos, os sentimentos como os desejos de posse, poder, solidariedade, etc, que nos levam a agir. Às vezes estas raízes estão distorcidas. Neste caso, há um predomínio de pulsões negativas, como baixa auto-estima ou desejos de posse e poder que esmaecem a solidariedade, a capacidade de se unir a outros em torno de um fazer coletivo voluntário, por exemplo.

Enfim, *modos de ver e sentir* a realidade nos impedem ou nos facilitam formas de atuar sobre o território como expressão de nossa identidade, resultando que, sob diversas maneiras, se expressem os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Estes são aqui entendidos como a construção, a desagregação e a reconstrução da territorialidade, num movimento dialético nem sempre perceptível, nem sempre visualizável....

Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização na Quarta Colônia

A partir de uma descrição da situação de crise existente na área, apresentar-se-á o surgimento da proposta de práticas territoriais experimentais apoiadas em técnicas de animação sócio-cultural. Trata-se da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, que foi criada em 1877 na região centro-oeste deste estado meridional do Brasil, entre as cidades de Santa Maria e Cachoeira do Sul, pelo então governo imperial, para receber imigrantes oriundos do norte da Itália.

Com as transformações político-institucionais ocorridas no país desde aquela época, a denominação - Quarta Colônia - desapareceu e caiu em desuso. A partir de

1989 porém, ela foi resgatada para designar as ações conjuntas de uma rede de sete municípios que se originaram da antiga Quarta Colônia, a saber: Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Dona Francisca, São João do Polênise e Pinhal Grande.

Tais práticas emergiram de uma problemática territorial, impelidas pela tentativa de reerguer do baixo patamar em que se encontrava a auto-estima desta população, predominantemente rural. Para tanto faz-se necessário apresentar esta situação-problema, que deu origem às ações tentativas de saná-la.

A problemática territorial

Sem pretender apresentar um profundo diagnóstico analítico, que foge ao objetivo deste trabalho, é possível assim resumir a situação problema. Há quatro décadas o Rio Grande do Sul vem sofrendo um processo de modernização da agricultura. Algumas de suas conseqüências, que não são exclusivas da área, tem sido por um lado o êxodo rural e por outro a concentração de renda e de oferta de trabalho em lugares preferenciais como as metrópoles, as capitais regionais e as cidades médias. Os efeitos socio-econômicos sobre as mesmas tem sido examinados sob os mais diversos ângulos.

O que aqui nos interessa é perquirir: o que afinal acaba acontecendo nas áreas de repulsão? Dentre as transformações econômicas geradoras do complexo agro-industrial no Brasil, cabe lembrar algumas com visíveis repercussões territoriais. Uma delas consiste no predomínio crescente das lavouras comerciais, em detrimento das lavouras de subsistência, acompanhado pela aglutinação fundiária proveniente da aquisição de pequenas propriedades e minifúndios, ligada a questões de herança ou endividamento dos pequenos e médios agricultores e conseqüente mobilidade das populações. As áreas que ainda não foram tomadas predominantemente por este processo - como é o caso de alguns municípios da "Quarta Colônia", apresentam estagnação e isolamento.

Tais transformações desencadeiam o que M. Bassant denominou de uma dinâmica regional conducente ao *círculo vicioso do maudesenvolvimento* porque articula aos aspectos socio-econômicos e políticos, uma dimensão cultural sintética: - a erosão da identidade regional. "As conseqüências dessa erosão são duplas; de um lado aceleram o êxodo dos capitais e dos habitantes, e doutro lado sucitam a anomia e a alienação que, por seu turno, aumentam os três males das regiões periféricas, a saber: a regressão econômica, a dependência política e a marginalidade cultural. Todos os três são seguidamente acompanhados de uma degradação do patrimônio cultural e ecológico (Bassant, 1985:225-26).

Fenômenos observados em regiões suíças⁵ que denomina periféricas, assemelham-se ao que também vem ocorrendo em algumas das áreas de modernização agrícola do Rio Grande do Sul. Lá como aqui, o êxodo rural é de tal modo forte, que as comunas não tem mais o número regulamentar de crianças para justificar a existência da escola distrital. Por razões econômicas e de eficácia pedagógica, as autoridades cantonais de lá e as estaduais aqui, decidem reagrupar estas pequenas escolas e recolher as crianças em ônibus. Segundo Bassand, foi demonstrado pelos próprios habitantes dos povoados que uma tal operação é um golpe de misericórdia na comuna. Sendo a escola primária um dos últimos equipamentos socio-culturais que permitem aos jovens permanecer em seu domicílio na comuna, o fechamento da escola acarreta de novo a abertura das veias do êxodo.

Tais mudanças pesam fortemente sobre a vida social e cultural da região, sobre o patrimônio arquitetural e sobre a paisagem, que tendem a se banalizar (Bassand, 1985:227). Não se pode deixar de mencionar ainda que as mensagens transmitidas

cotidianamente pela mídia (tv, rádio, jornais, revistas, publicidade) são um outro aspecto que contribui para a erosão da identidade local. Sob os efeitos destas ações, como bem lembra este autor, "a festa muda de significação, o dialeto é cada vez menos falado, a arquitetura rural se degrada, a significação do espaço do povoado, construído ou não, muda. A coesão desaba, o povoado não é mais que uma vaga zona residencial"(Bassand, idem, 228).

Reflexos da crise

Na Quarta Colônia a situação se assemelhava a esta descrição. De acordo com uma professora entrevistada no município de Dona Francisca, antes as famílias eram muito grandes: - de doze a dezesseis filhos. O processo migratório foi enorme. Primeiro para áreas onde há ligação com o plantio do arroz, mas que são áreas tradicionais de médias e grandes propriedades: - Alegrete, Uruguaiana, na região da Campanha Gaúcha. E ultimamente o processo migratório se dirigiu para Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso. Hoje há um grande êxodo dos jovens e predominância de idosos no município. Os filhos migram em busca de oportunidades de trabalho. Só os que são professores ficam. Sublinhando a modernização agrícola, este município - Dona Francisca - embora de área muito pequena, é a região com o maior número de tratores: - cada plantador tem o seu. As propriedades se transformaram em monoculturas. Desapareceram os parreirais, típicos das paisagens de imigração italiana; só permanece a horta.

Uma prática social que desapareceu no município, foi o mutirão⁶. Antigamente o trabalho era feito assim; hoje não. Ainda segundo a entrevistada, o individualismo impera. Houve muito conflito por divisa de terra, água, sanga.

Os modos de ver e sentir estagnados

Outra entrevista apontou uma faceta diferente do imaginário submerso. Na opinião do entrevistado, as comemorações do centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, teriam provocado um crise de identidade, expressa num movimento em busca da dupla nacionalidade. Por que esta busca? Aqueles que a procuram, sonham com o retorno à terra de origem da família, na Itália, onde encontrariam emprego e melhores condições de vida. No seu imaginário, lá as condições lhes proporcionariam o que não têm aqui. Sonho que provavelmente moveu seus ancestrais no sentido inverso, em direção ao Novo Mundo.

Sob estas condições, é claro que para os que permaneceram, sobretudo os das camadas subalternas da população, o isolamento coadjuvava a baixa autoestima que se expressava pela desvalorização do local. O aspecto mais visível era o descaso com as antigas casas originárias dos primeiros habitantes. Seus descendentes desejavam demoli-las, uma vez que não viam nelas valor algum. Ao contrário; tinham os olhos voltados para o progresso de antigas colônias também de origem italiana, hoje cidades prósperas, como Caxias do Sul, e onde quase não se vê mais vestígios dessa memória coletiva expressa na arquitetura local. Os próprios administradores municipais tinham uma visão descartável e imediatista: desmanchar e construir tudo de novo.

Estes modos de ver e sentir bloqueadores de mudança social podem ser assim sumarizados:

- visão menosprezada de si mesmos, por serem "os gringos de baixo", os que não venceram ou não tiveram o mesmo sucesso dos "gringos de cima", da região de Caxias do Sul.

- visão menosprezada de serem descendentes de "colonos", "sem cultura", sem erudição.

- a diluição numa cultura 'mais homogênea', porque mais aceita: - a de ser gaúcho.

Partindo da Animação sócio-cultural

A problemática aflorou quando a prefeitura do município de Silveira Martins decidiu promover um Fórum de Cultura. O que segue, é em grande parte fruto de entrevista com o Secretário municipal de Cultura e Turismo, também diretor de teatro em outra cidade de origem italiana, mas fora da Quarta Colônia. Houve resistências; até mesmo reações contrárias ao Fórum. Achava-se que iam "julgar" a comunidade.

Para quebrar o gelo, o Secretário decidiu iniciar com uma prática de animação sócio-cultural. Abriu um espaço de investigação teatral que desde logo se configurou bem heterogêneo, mas logo desvelador do muito que havia por fazer. A este espaço acorreram crianças de 9 a 11 anos e alguns adultos, em grande parte mulheres. Dentre elas, havia duas senhoras de quase cinquenta anos. Só elas falavam vêneto. O dialeto vêneto, originário dos primeiros imigrantes, já não era mais quase utilizado. "Fala-se o dialeto para ocultar o que não se quer expressar publicamente." Ademais, neste espaço experimental dentre todas as propostas surgidas do grupo, nenhuma partia do cotidiano ou das vivências locais. As tímidas propostas eram o resultado do que viam na tv mediadas pelo seu entendimento, sinalizando para um imaginário estereotipado. Assim o teatro começou a funcionar como um espelho para refletir a imagem da problemática: - se esta realidade, - a da tv - é a realidade ideal (ou idealizada), então qual é a realidade deles?

Logo ela começou a se projetar sobre o espelho. Todas as referências que dissessem respeito à cultura local, não eram tomadas como cultura. Por que? Eram desvalorizadas como coisas de um passado que se queria esquecer, porque não trouxera os frutos do progresso. O isolamento e abandono, deixou-os entregues a si mesmos. A repressão do Estado Novo durante a Segunda Guerra Mundial, proibia o uso de outra língua que não o português, levando à prisão os infratores.

Além desses estigmas históricos, havia um processo de envergonhamento atual. Segundo o entrevistado, "a forma como a criança desse meio rural fala o português é matizada pelo dialeto". Isto se torna objeto de troça e conseqüentemente baixa a sua autoestima. "Ela assim vai construir uma subjetividade esquisóide: marcas de um passado de que tem vergonha e uma expectativa sobre *o que vai dar futuro*".

O Secretário, que realizava este teatro laboratorial, percebeu que que "o teatro não podia ficar ali, preso". Ainda em suas palavras: - era preciso "atravessar a quarta parede", em direção ao público. Tratava-se de pensar um processo comunitário de animação cultural que resgatasse a memória coletiva do ostracismo em que se encontrava e reerguesse a autoestima, tentando desviar o olhar de fora, sobre os outros, os bem sucedidos, para dentro: - quem somos nós? Quem eram nossos antepassados?

Resgatando a territorialidade

Considerando todas as dificuldades e resistências, a questão era: - por onde começar? Aos poucos foi ficando claro que era preciso conquistar, "seduzir" a comunidade. Segundo o secretário de Cultura de Silveira Martins, duas estratégias simultâneas foram projetadas.

Uma delas foi a de construir um **Forum de Cultura** em que se discutiria tudo. Não poderia ser uma atividade só de um município, o da administração proponente, Silveira Martins. Era preciso envolver todos os municípios da Quarta Colônia. Foram organizados três pre-foruns, em três municípios, para discutir a preservação da memória.

A outra estratégia simultânea a esta consistiu na tentativa de resgatar uma antiga prática social das comunidades. Na memória coletiva dos imigrantes de origem italiana, uma prática antiga pertencente à cultura vêneta, era o **Filó** que consistia em fazer serão, em reuniões grupais. Na prática nele se vivenciavam regras de convivência. Era uma forma de afirmação de toda uma ideologia. Antigamente, no filó, debulhava-se o milho, tirava-se a palha do trigo... Era uma forma de participação muito democrática: compartilhar uma comunidade, fazer serão. Da lembrança dessa antiga prática surgiu a proposta: - vamos organizar um filó, em que cada família leve uma comida típica, como uma torta mantuana, por exemplo.

Na verdade o objetivo era criar um espaço privilegiado para voltarem a falar em dialeto e contar suas histórias. Buscou-se também trazer um palestrante ou passar um vídeo, enfim "trazer gente de fora para falar de coisas de dentro". Uma das atividades interessantes, que surpreendeu, foi a projeção de diapositivos sobre casas do norte da Itália, em que o animador cultural entremeou, sem que a assistência soubesse, com a projeção de casas fotografadas na região da Quarta Colônia. Eles puderam assim reconhecer, surpresos, semelhanças com as casas do norte da Itália e passaram a ver com outros olhos as velhas casas ainda existentes na Quarta Colônia.

Começou-se assim a construir uma quantidade de conhecimentos; a trabalhar sobre o que era deles, a proporcionar espelhos para que se vissem refletidos... "Tocou-se assim na ferida, no ego dos italianos", no dizer do Secretário. Outras comunidades passaram a adotar o filó. Começaram assim a surgir novos conflitos: - os que defendiam a "nova" cultura e os que negavam este movimento.

Tendo como centro gerador da rede o município de Silveira Martins, através deste ponto do território, desencadeou-se a partir de então uma série de ações inovadoras. Trabalhar a comunidade através da territorialidade familiar a partir das novas gerações, foi a meta. E como fazê-lo? A rede escolar municipal foi o locus dessa estratégia.

Em 1991 realizou-se um **Projeto Piloto de Educação Lúdica** com as crianças das escolas municipais, cujo objetivo era "construir um entendimento mais abrangente da função social da arte e do seu papel para uma formação crítica".

O segundo **Forum de Cultura da Quarta Colônia** tendo por tema "Educação e Cotidiano" realizou-se em 1992. Através do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional houve um contato com uma metodologia de educação patrimonial. Antecipando esse Forum realizou-se um grande Seminário de Educação Patrimonial que teve a duração de três dias, com uma Oficina de Educação Patrimonial apoiada na equipe do Museu Imperial de Petrópolis/RJ. Dela participaram professores de todos os municípios da Quarta Colônia. Receberam subsídios básicos para fazer uma experiência concreta. Durante o seminário, conseguiu-se armar um projeto para executar em quatro meses, junto às escolas dos municípios com o objetivo de desenvolver a expressão nas crianças. Os participantes aplicaram o conhecimento da Oficina em trinta projetos nos respectivos municípios e que foram expostos, mais tarde, como comunicações, durante o II Forum. Evidentemente nem todos foram coroados de completo sucesso. Apareceram, segundo o entrevistado, resistências que se objetivaram em experiências muito autoritárias por parte de alguns professores. Entretanto isto não invalidou nem estancou a proposta.

No ano seguinte desenvolveu-se um **Projeto Piloto de Museologia Popular** na rede municipal de ensino de Silveira Martins. As crianças eram estimuladas a contar o que tinham em casa em termos de objetos antigos. Traziam este material de casa, aprendiam a etiquetar e trazer para o salão de exposições da escola. Eram instadas a perguntar aos pais como se chamava o objeto em vêneto. Os pais se sentiam valorizados e as crianças sentiam a valorização dos pais. Começou-se a mexer na construção do conhecimento do mundo. Houve uma participação impressionante dos pais. Buscava-se entender estes tempos através deste contexto. Iniciou-se assim o inventário patrimonial envolvendo alunos, professores e pais num processo de aprendizagem conjunta.

Procurou-se também aguçar a capacidade de percepção sensorial da criança, ao realizar exercícios de, com os olhos fechados, colocar a atenção sensorial no objeto. Ela era instada a descrever o objeto e suas formas. Para acrescentar experiências de simbolização, era estimulada a modelar, desenhar. Realizava também experiências de teatralização do objeto. Cada objeto desencadeia um conjunto de memórias. Acumulava assim uma quantidade de conhecimento sensorial antes de escrever. Esta prática preparatória era importante, porque a criança do meio rural, assim como muitas crianças das áreas pobres urbanas, em geral tem poucas oportunidades de desenvolver a motricidade fina indispensável para a escrita.

O Projeto terminou com uma grande exposição de todas as escolas da rede. Gerou-se um efeito demonstração em toda a Quarta Colônia..

Projeto Regional de Educação Patrimonial

Os prefeitos da região viram os resultados das exposições. Através deles, começou-se a pensar um projeto mais amplo: sério, forte e integrado nos conteúdos. Nove municípios entraram no Projeto Regional de Educação Patrimonial⁷, em que o professor ia experienciar com o aluno. Sua finalidade era a de *"compreender a complexa trama de significados que constituem a realidade, elaborando uma leitura crítica e uma postura ética e construir com os saberes da comunidade, os saberes sistematizados do currículo escolar e outros saberes a que se tenha acesso para desenvolver a capacidade de transformar essa realidade"*. Os objetivos propostos visavam a :

- *"Afirmar e valorizar a cultura local como elemento fundante da identidade sócio-cultural do aluno;*
- *Desenvolver linhas de ação para uma maior comunicação entre escola e meio sócio-cultural do aluno;*
- *Formar agentes culturais identificados com a preservação e projeção da cultura local e regional;*
- *Proporcionar ao aluno uma leitura dinâmica, crítica e transdisciplinar da sua própria realidade;*
- *Propiciar um âmbito para a recriação de vínculos da comunidade com o seu próprio lugar;*
- *Valorizar o papel do professor como agente "disparador" do conhecimento do aluno através da problematização da sua própria realidade.*

Nos três anos seguintes foram sendo construídos seis programas com mais de duzentos professores de educação básica, da pré-escola até a quarta série, desencadeando uma quantidade de experiências nas dimensões de tempo e espaço. Os eixos consistiam, na dimensão espacial, em partir do local para o regional, até outras escalas geográficas e na dimensão temporal, partir do presente do indicativo.

O projeto desenvolveu seis programas com as seguintes unidades temáticas geradoras de conhecimento sobre a realidade territorial:

- 1 - A casa: espaços e mobiliários (2º semestre de 1993)
- 2 - Instrumentos de trabalho e técnicas de uso (1º semestre de 94)
- 3 - Documentos familiares (2º semestre de 94)
- 4 - Cultivos e alimentação (1º semestre de 95)
- 5 - Flora nativa (2º semestre de 95)
- 6 - fauna nativa (1º semestre de 96)

Precedendo cada programa, se desenvolveram seminários para professores, com dinâmica de oficina (teórico-prática). Ao fim de cada programa se realizavam exposições dos trabalhos realizados em cada escola para a comunidade local e na sede do município.

O Programa terminava com duas exposições mais amplas: uma para a comunidade do município e outra de todos os municípios. Além disso, para propiciar a reflexão sobre o que foi vivido no Projeto, realizou-se um Seminário de Avaliação e Planejamento com os professores para avaliar a experiência.

Além dessas, outras ações foram ou estão sendo desenvolvidas, como a criação de um **Banco de Imagens** cujo objetivo é a preservação, cópia e catalogação do acervo de documentos familiares e fotografias existentes em cada comunidade. **Lugares de Memória** - Para desencadear, no cotidiano, ações concretas de preservação dos elementos culturais que identificam cada comunidade, sugerindo-se a criação de pequenos museus familiares e comunitários, onde estas referências poderão ser conservadas em lugares de uso social. **Inventários** - estimulou-se a realização de inventários dos elementos ambientais, naturais e históricos.

Redefinindo modos de ver e sentir

Que reflexões pode suscitar o que foi até aqui exposto? Em resumo, neste trabalho a proposta foi de examinar conceitos subjacentes às raízes da territorialidade, tais como identidade e o processo de territorialização, desterritorialização, reterritorialização, discutindo as posições de alguns autores, e minha própria sobre o mesmo. Apresentou-se ainda um exemplo em que o processo T-D-R foi potencializado a serviço da mudança social, acionando-se uma metodologia de envolvimento das comunidades pela animação sócio-cultural.

A tarefa, difícil mas criativa, realizada na "Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul", consistiu nada mais nada menos que na tentativa de transformar paulatinamente a consciência territorial, tentando mobilizar nas raízes territoriais, novos modos de ver e sentir. Isto se efetivou através de uma metodologia de envolvimento das comunidades pela animação sociocultural. Procurou-se atingir sensibilidades que envolvessem a territorialidade familiar através da criança, resgatando aqueles modos de ver e sentir que transformassem a autoestima da população.

Do ponto de vista teórico, este trabalho conduziu-me às seguintes reflexões. O receio de que o processo T-D-R siga com rapidez o ciclo de vida do produto tornando-se obsoleto como sugere Raffestin, ou ainda que a real ambivalência do conceito de identidade e mesmo do possível caráter reacionário do conceito de cultura, como quer Guattari, não me parecem contatações suficientemente fortes para elidir estas análises e muito menos esta espécie de práticas experimentais e criativas, pelo menos na América Latina. Mesmo que haja insucessos ou falhas, mesmo que daí não advenha qualquer garantia de sucesso permanente.

Considero ainda que não basta analisar o território apenas constatando que ele é o palco de atuação de atores sintagmáticos⁸ É necessário desvelar os móveis capazes de alavancar as mudanças sociais rumo a uma sociedade mais solidária. E estes móveis seguramente se encontram nas raízes das emoções que tocam a nossa sensibilidade. Em geral os trabalhos acadêmicos que tratam sobre território e territorialidade freqüentemente ignoram estes aspectos que buscam a aliança entre emoção e razão. Talvez seja por considerá-los não científicos, talvez por não afinarem com a perspectiva fenomenológica que privilegia este enfoque. Talvez ainda por considerarem que eles fazem parte de searas alheias, como a antropologia ou a psicologia social. Nestes tempos de transposição de fronteiras, há necessidade de reavaliar essas posturas, se é que elas existem. O esforço de refletir sobre oportunidades de ruptura com modos de ver e sentir bloqueadores da mudança social, sobretudo neste continente, leva a pensar que há muito que aprender na interação entre teoria e realidade e talvez este seja um caminho capaz de nos desviar de modelos culturais dominantes.

Referências:

- BAILLY, A. (1984) "La géographie des représentations: espaces perçus et espaces vécus" in: BAILLY, A. (coord.) *Les concepts de la géographie humaine* Paris Masson p 133-138
- BAREL, Yves (1986) "Le social et ses territoires" in: AURIAC, F et BRUNET, R. *Espaces, jeux et enjeux* {s.l.e.} Fondation Diderot/Librairie Arthème Fayard pp.129-139
- BASSAND, Michel (1985) - "Dynamique régionale et identité" *L'autonomie sociale aujourd'hui* - Grenoble - Centre d'étude des pratiques sociales (C.E.P.S.) Université des sciences sociales de Grenoble - Centre de recherche sur l'épistemologie et l'autonomie (C.R.E.A.) École polytechnique de Paris. Presses universitaires de Grenoble.
- BORTOLI, D. de - (1985) - "Pratiques sociales, lieux d'expression, autonomie" *L'autonomie sociale aujourd'hui* - Grenoble - Centre d'étude des pratiques sociales (C.E.P.S.) Université des sciences sociales de Grenoble - Centre de recherche sur l'épistemologie et l'autonomie (C.R.E.A.) École Polytechnique de Paris. Presses universitaires de Grenoble.
- BRUNET, Roger; FERRAS, Robert et THÉRY, Hervé (1992) - *Les mots de la Géographie - dictionnaire critique* Montpellier - Paris Réclus-La Documentation Française, 470 p.
- CARA, Roberto Bustos (1994) "Territorialidade e identidade regional no Sul da Província de Buenos Aires" in SANTOS, M. Souza, M.A. e Silveira, M.L. *Território, Globalização e Fragmentação* São Paulo Hucitec/ANPUR pp.260-269
- Entrevistas realizadas em 1994 e em 12/07/96 com José Itaquí, Secretário municipal de Cultura e Turismo de Silveira Martins
- Entrevistas realizadas em 1996:
Gustavo Cancian - assessor na Secretaria Municipal de Educação de Nova Palma
Prof^a. Ivani Barchet Tessele - assessora na Secretaria Municipal de Educação de Dona Francisca.
Padres: - Pedro Luís Trevisan; Danilo Pedro Selezer; Valdir Alexandre Besognin
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely (1986) *Micropolítica. Cartografias do desejo* Petrópolis Vozes

- MESQUITA, Zilá (1992) *Antenas, Redes e Raízes da Territorialidade* São Paulo Tese de Doutorado Universidade de São Paulo Não publicada
- MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. (1995) *Territórios do Cotidiano uma Introdução a novos olhares e experiências* Porto Alegre - Santa Cruz do Sul Editora da Universidade UFRGS/EDUNISC
- PICART, Toni Puig (1992) - *Animación sociocultural, cultura y territorio* Madrid Editorial Popular, S.A. 3ª edição 135p.
- POCOOCK, Douglas C.D. (1984) " La géographie humaniste" in: BAILLY, A. (coord.) *Les concepts de la géographie humaine* Paris Masson p 139-142
- PROJETO REGIONAL DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DA QUARTA COLÔNIA folder-síntese do Projeto. Criação de José Itaquí.
- RAFFESTIN, Claude (1986) "Écogénèse territoriale et territorialité" in: AURIAC, F et BRUNET, R. *Espaces, jeux et enjeux* {s.l.e.} Fondation Diderot/Librairie Arthème Fayard pp.173-185
- ROSSEL, Pierre; HAINARD, François; BASSAND, Michel (1990) *Cultures et Réseaux en périphérie Expériences et évaluations d'animations socio-culturelles* Lausanne Editions Réalités sociales
- SANTAYANA(1994) "O século XXI e o desafio das etnias" in SANTOS, M. Souza, M.A. e Silveira, M.L. *Território, Globalização e Fragmentação* São Paulo Hucitec/ANPUR pp.321-330

NOTAS

- 1 Para este fim ver, por exemplo, os vários artigos sobre a temática contidos em SANTOS, M.; SOUZA, M.A. e SILVEIRA, M.L. org. (1994) - *Território, Globalização e Fragmentação* São Paulo Hucitec/ANPUR
- 2 O grifo é meu, para sublinhar as referências iniciais deste trabalho, no que respeita aos estudos acadêmicos não se preocuparem apenas com o que diz respeito à racionalidade, mas estarem se voltando também para a interação com os sentimentos.
- 3 *Fato*: o fato seria o dado real da experiência, enquanto o valor corresponde ao desejável e a importância subjetiva que se atribui às coisas. Para Bailly o valor é a qualidade que atribuímos, conscientemente a um tipo de relação, a uma representação, ou a um objeto.
- 4 Os grifos relativos às expressões utilizadas por Guattari e Raffestin, são meus, justamente para ressaltar como ambos definem ou conceituam estes termos
- 5 Trago aqui este testemunho por se tratar da Suíça, um país considerado de "Primeiro Mundo", onde se suporia que tais desigualdades não existissem.
- 6 Porém há indícios de que a prática do mutirão não foi totalmente extirpada da Quarta Colônia. Em grupo de discussão com padres que trabalham na área, surgiu o informe de que na localidade de Vale Vêneto, permaneceu um conjunto de minifúndios produtivos em que ainda há mutirão, principalmente em casos de doença. Há grupos de famílias que estimulam a solidariedade intensa.

7 A grande maioria das informações a respeito do Projeto doravante descritas, foram extraídas do folder, criação de José Itaquí: "*Projeto Regional de Educação Patrimonial da Quarta Colônia*"

8 Expressão de Raffestin para designar atores realizando um programa, o que transforma o espaço em território.

Informações: Prefeitura Municipal - Fone (055)278.1135

Mapa da 4ª Colônia

